



OPERAÇÕES IDEOLÓGICAS E HEGEMONIA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DO PRESIDENTE MICHEL TEMER

Iza Maria Pereira - UERN¹

Alaide Angelica de Menezes Cabral Carvalho - UERN²

José Roberto Alves Barbosa - UFERSA³

DOI 10.26512/discursos.v3i2.2018/12072

Data de submissão: 22 de agosto de 2018
Data de aceite: 10 de novembro de 2018

Resumo: Este trabalho tem como objetivo identificar/analisar as operações ideológicas presentes no pronunciamento do Presidente Michel Temer (PMDB), proferido no dia 27 de junho de 2017, após denúncia apresentada contra ele pela Procuradoria-Geral da República (PGR) ao Supremo Tribunal Federal (STF), por crime de corrupção passiva. O *corpus* desta pesquisa é constituído por dez trechos do referido pronunciamento. Para essa análise, fundamentamo-nos nos conceitos de hegemonia de Gramsci (1995; 2001), de discurso de Fairclough (2001) e de ideologia de Thompson (2011), como forma de compreender as lutas hegemônicas para implantação e manutenção de relações de poder nas práticas discursivas.

Palavras-chave: Hegemonia. Ideologia. Discurso.

Abstract: This academic paper aims to identify/analyze the ideological operations present in the pronouncement of President Michel Temer (PMDB), delivered on June 27, 2017, after a denunciation lodged against him by the Brazilian Federal Prosecution Office (PGR), to the Supreme Federal Court (STF), for a crime of passive corruption. The corpus of this research is constituted by ten excerpts from this pronouncement. For this analysis, we base ourselves on the hegemony concepts of Gramsci (1995; 2001), discourse concepts of Fairclough (2001) and ideology concepts of Thompson (2011), as a way of understanding the hegemonic struggles for the establishment and maintenance of power relations in discursive practices.

Keywords: Hegemony. Discourse. Ideology.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo identificar/analizar las operaciones ideológicas presentes en el pronunciamiento del Presidente Michel Temer (PMDB), dictado en el día 27 de junio de 2017, tras la acusación presentada en su contra por la Procuraduría-General de la República (PGR) al Supremo Tribunal Federal (STF), por crimen de corrupción pasiva. El *corpus* de esta investigación está constituído por diez fragmentos del dicho pronunciamiento. Para ese análisis, nos basamos en los conceptos de hegemonia de Gramsci (1995; 2001), de discurso de Fairclough (2001) y de ideología de Thompson (2011), como forma de comprender las luchas hegemónicas para implantación y mantenimiento de relaciones de poder en las prácticas discursivas.

Palabras clave: Hegemonía. Ideología. Discurso.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Linguística Aplicada e Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas, e em Direito pela mesma universidade. Atualmente, pesquisa na área da Análise de Discurso Crítica (ADC).

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Leitura e Produção textual/Letras e Graduada em Letras, com habilitação Língua Portuguesa, pela mesma universidade. Atualmente, desenvolve pesquisa em Análise do Discurso Crítico Multimodal.

³ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), tendo realizado Pós-Doutorado nessa mesma IES. É Professor e pesquisador da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA/Caraúbas) e colabora com o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL/UERN), atuando com Teorias Linguísticas, Linguística Aplicada, Análise de Discurso Crítica (ADC), Letramento Crítico Multimodal (LCM) e com Abordagens no Ensino-Aprendizagem de Línguas.

Introdução

O cenário político atual do Brasil tem tomado repercussão nacional e internacional. Atualmente, entre outros acontecimentos, recorrem os casos de denúncia de corrupção envolvendo políticos brasileiros. Isso nos levou a refletir sobre esse momento conturbado da política brasileira e os discursos que o circundam. Observando essa conjuntura sociopolítica, evidenciamos a existência de forças que constituem as lutas hegemônicas e estabelecem correlação de interesses entre atores sociais, na busca pela manutenção do poder sobre pessoas e grupos políticos.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo identificar/analisar as operações ideológicas presentes no pronunciamento do Presidente Michel Temer (PMDB), proferido no dia 27 de junho de 2017, após denúncia apresentada contra ele pela Procuradoria-Geral da República (PGR) ao Supremo Tribunal Federal (STF), por crime de corrupção passiva. O *corpus* desta pesquisa é constituído por dez trechos do referido pronunciamento com o intuito de identificar/analisar estratégias ideológicas que sustentam e legitimam relações de poder.

Para tanto, esta pesquisa está ancorada nos conceitos de hegemonia de Gramsci (1995; 2001) e de discurso de Fairclough (2001), para explicar as lutas hegemônicas e as relações de poder existentes nas práticas discursivas, e de ideologia proposto por Thompson (2011), como forma de compreender a implantação e a manutenção de relações de poder nos discursos pelo uso de operações ideológicas. Esses conceitos, relevantes para análises discursivas críticas, nos possibilitam explorar a materialidade discursiva de práticas sociais. Essa proposta de análise nos fornece subsídios importantes para identificar construções simbólicas ideológicas, o que nos ajuda a investigar como o sentido é construído e mobilizado e como ele pode servir para reforçar/respaldar pessoas e grupos que ocupam posições de poder.

Hegemonia e discurso

Para Gramsci (2001), hegemonia é o domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais. Esse exercício do domínio é baseado mais no consentimento do que na força. Entretanto, esse poder é exercido de forma parcial e temporária. Ele nunca é pleno. É nessa perspectiva que a hegemonia é um fenômeno instável, “uma vez que é constituída nas relações de luta pelo poder, possuindo, pois, uma estabilidade relativa nas articulações dos momentos sociais” (DIAS, 2011, p. 230), e “historicamente orgânicas, isto é, são necessárias a uma

determinada estrutura” (GRAMSCI, 1995, p. 62). Dessa instabilidade surge o fenômeno das lutas hegemônicas, sendo, pois, uma formação de alianças entre classes para construção ou manutenção de relações de dominação/subordinação. Essa luta assume formas econômicas, políticas e ideológicas.

Fairclough (1997 *apud* RESENDE; RAMALHO, 2016, p. 43) define duas relações que se estabelecem entre hegemonia e discurso. Primeiro, hegemonia e luta hegemônica assumem forma de prática discursiva, podendo ser produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no e pelo discurso, em uma relação dialética entre discurso e sociedade. Segundo, o próprio discurso se apresenta como uma esfera da hegemonia, em que a dominação de um grupo vai depender, em parte, de sua capacidade de criar e de manter práticas discursivas que a sustentem. Portanto, hegemonia implica o desenvolvimento de práticas discursivas nos mais diversos aspectos do cotidiano social, as quais podem propagar e naturalizar relações ideológicas.

Nesse contexto, é importante ressaltar que são os indivíduos, inseridos nessas práticas discursivas e sociais, que colaboram para a manutenção ou a transformação das relações ideológicas e hegemônicas. Eles “são dotados de relativa liberdade para estabelecer relações inovadoras na (inter)ação, exercendo sua criatividade e modificando práticas estabelecidas (RESENDE; RAMALHO, 2016, p. 46).

Fairclough (2001, p. 122) diz que o conceito de hegemonia auxilia na tarefa de analisar a prática social à qual pertence o discurso em termos de relações de poder, ou seja, se essas relações reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes, e, também, de analisar a própria prática discursiva como um modo de luta hegemônica, que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens de discurso existentes. É uma forma de investigar e de interpretar as relações de poder e, portanto, as formas materiais de ideologia que permeiam as práticas discursivas.

Ideologia e poder

Outro conceito relevante para as análises críticas discursivas é o de ideologia, com base nos estudos de Thompson (2011). Esse conceito, para Thompson (2011, p. 16), “pode ser usado para se referir às maneiras como o sentido (significado) serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas”. Assim, ideologia “é sentido a serviço do poder” (p. 16). Portanto, tem uma acepção negativa, pois está a

serviço do estabelecimento ou da sustentação de relações desiguais de poder, conforme afirmam Resende e Ramalho (2016):

a concepção crítica postula que a ideologia é, por natureza, hegemônica, no sentido de que ela necessariamente serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes. (RESENDE; RAMALHO, 2016, p. 49).

A ideologia operacionaliza por formas simbólicas. A análise da ideologia, de acordo com a sua proposta, que veremos adiante, está interessada em investigar como o sentido é construído e mobilizado pelas formas simbólicas, servindo para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder.

Essas formas somente são ideológicas quando os sentidos produzidos em um texto/discurso servem para sustentar relações assimétricas de poder. Thompson (2011) afirma que elas não são ideológicas por si mesmas, pois elas dependem do contexto em que estão inseridas e do exame de sentido pelos sujeitos que as produzem e as recebem. Assim, estudar a ideologia é compreender e explicar as maneiras pelas quais as formas simbólicas, dentro de contextos específicos de produção, são usadas para a implantação e a manutenção de relações de dominação que favorecem indivíduos ou grupos dominantes.

Em seu trabalho, Thompson (2011) apresenta uma proposta metodológica de reconhecimento e de identificação do uso ideológico de formas simbólicas. Ele apresenta cinco modos gerais de operação da ideologia, a saber: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação, assim como suas respectivas estratégias típicas de construção simbólica. Thompson (2011, p. 81-82) esclarece que esses modos apresentados não são as únicas formas de operacionalização da ideologia. Sua proposta é meramente exemplificativa e não exaustiva e exclusiva. Ressalta também que esses modos ou estratégias não podem ser considerados intrinsecamente ideológicos se não estiverem servindo para o estabelecimento de relações de dominação, o que é verificado pelo contexto de produção.

A **legitimação** se caracteriza quando relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas por serem apresentadas como justas, dignas de apoio, legítimas. Baseia-se em três construções simbólicas: racionalização – apelo à legalidade de regras e de normas com intuito de defender determinadas ações, pessoas ou instituições –; universalização – interesses individuais apresentados como servindo a interesses gerais –; e narrativização – recorrência ao passado, a tradições, para legitimar crenças, identidades.

A **dissimulação** vai demonstrar que a ideologia pode ser usada também para mascarar, ocultar, dissimular relações de dominação. Para isso, podem ser utilizadas as estratégias de

deslocamento – transferência de palavras de um contexto para o outro, provocando novos sentidos –; eufemização – uso de palavras suavizando ações, situações e dando-lhes caráter positivo –; e tropo – uso de figuras de linguagem.

A ideologia também opera pela **unificação**. Nela,

relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas através da construção, no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possam separá-los. (THOMPSON, 2011, p. 86).

Há duas formas de se alcançar isso: com estratégias de standardização (padrões são criados com base em individualidades, produzindo, assim, um senso de coletividade, por exemplo, a língua nacional) e pela simbolização da unidade (senso de unidade refletido pelos símbolos, por exemplo, hino e bandeira). Nesse modo de operação ideológica, busca-se a construção do sentimento de unidade/coletividade, para se buscar ou se manter formas de dominação.

Diferentemente da unificação, a **fragmentação** visa a separar, a desfazer ou a dividir indivíduos ou grupos que possam ameaçar a dominação, a hegemonia de determinados grupos. As estratégias utilizadas para isso são diferenciação – reforça diferenças e divisões entre pessoas e grupos –; e expurgo do outro – quando o “outro” é apresentado como um inimigo, um mau e que deve ser combatido.

A **reificação** é a “retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal (THOMPSON, 2011, p. 87). Determinados processos, situações são retratados como naturais e seu caráter social e histórico é ocultado, eliminado. Este modo de operação da ideologia se materializa pelas estratégias de naturalização – as criações sociais e históricas são tratadas como naturais; de eternalização – práticas são eternalizadas e tornadas imutáveis. Neste modo de operação da ideologia, há o uso de recursos gramaticais e sintáticos, como nominalização – sentenças, ou parte delas, são transformadas em nomes –; e passivização – os verbos são colocados na voz passiva. Podem, a depender do contexto, servir para o estabelecimento e sustentação de relações de dominação, quando, por exemplo, ocultam ou omitem sujeitos/agentes ou ações, beneficiando, assim, determinada classe ou grupo dominante.

Esses modos de operação da ideologia, conforme Thompson (2011), podem ser resumidos no Quadro (1) a seguir:

Quadro 1 – Modos de operação da ideologia

Modos gerais de operação da ideologia	Estratégias típicas de construção simbólica
Legitimação (relações de dominação são representadas como legítimas)	Racionalização Universalização Narrativização
Dissimulação (relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas)	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
Unificação (construção simbólica de identidade coletiva)	Estandartização Simbolização da unidade
Fragmentação (segmentação de indivíduos ou grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante)	Diferenciação Expurgo do outro
Reificação (retratação de uma situação transitória como permanente e natural)	Naturalização Eternalização Nominalização/Passivização

Fonte: adaptado de Thompson (2011, p. 81).

Essa proposta metodológica de Thompson (2011) nos fornece ferramentas importantes de reconhecimento e de identificação, pela análise linguística, de construções simbólicas ideológicas, conforme apresentaremos e discutiremos adiante.

Análise

Com base nessa proposta metodológica de Thompson (2011), analisaremos o pronunciamento do Presidente Michel Temer (PMDB), emitido em rede nacional, no dia 27 de junho de 2017, após denúncia apresentada contra ele, no dia 26 de junho de 2017, pelo Procurador-Geral da República (PGR), Rodrigo Janot, ao Supremo Tribunal Federal (STF), por crime de corrupção passiva⁴, com base em investigações decorrentes da operação Lava Jato⁵ deflagrada pela Polícia Federal. A operação investiga a prática de crimes financeiros e de desvio de recursos públicos.

A denúncia contra o Presidente da República pela PGR fundamenta-se no episódio dos áudios gravados por Joesley Batista, diretor do frigorífico JBS. Faz parte de acordo de delação

⁴Fonte: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/06/denuncia-contratemer-apos-delacao-da-jbs-deixa-brasilia-ainda-mais-tensa.html>>.

⁵ Fonte: <<http://www.pf.gov.br/imprensa/lava-jato>>.

premiada, firmada com a PGR, de conversa com o presidente, no dia 7 de março de 2017, às 22h40, no Palácio do Jaburu, residência oficial da vice-presidência e onde Temer ainda mora com a família. Esse encontro não estava na agenda oficial do presidente⁶. Desse pronunciamento⁷ emitido pelo Presidente Michel Temer, selecionamos dez trechos com o objetivo de identificar/analisar algumas das estratégias ideológicas que contribuíram para a manutenção do poder e a consolidação da hegemonia do atual Presidente do Brasil e, conseqüentemente, do seu grupo político (PMDB).

Thompson (2011) esclarece que, apesar de ele apresentar cinco modos de operação da ideologia e suas respectivas estratégias ideológicas, esses modos não, necessariamente, operam independentemente um do outro. Eles podem “sobrepôr-se e reforçar-se mutuamente” (p. 81). Esclarece também que as estratégias de um modo podem estar associadas a outros modos, a depender da circunstância e do contexto de produção. Sua intenção é mostrar que determinadas estratégias estão tipicamente, e não necessariamente, relacionadas a certos modos.

Compreendendo isso como forma de organização e de estruturação, analisaremos, ao menos inicialmente, pelos modos de operação ideológicas e suas respectivas estratégias. Porém, como veremos, elas não aparecem de forma ordenada ou sequenciada, conforme descrevemos anteriormente, pois, em alguns discursos, os modos e as estratégias se comunicam mutuamente.

Iniciamos nossa análise identificando o primeiro modo de operação da ideologia: a **legitimação**. Ela estabelece e sustenta relações de dominação quando as apresenta como justas, legítimas e dignas de apoio. Identificamos as três construções simbólicas dessa operação, conforme trechos a seguir:

Vocês sabem que eu sou da área jurídica. Eu não me impressiono, muitas vezes, com os fundamentos, ou quem sabe até a falta de fundamentos jurídicos, porque advoguei por mais de 40 anos. Eu sei bem como são essas coisas. Eu sei quando a matéria é substancial, quando tem fundamentos jurídicos e quando não tem. (grifo nosso).

Onde estão as provas concretas de recebimento desses valores? Inexistem. Aliás, examinando a denúncia, eu percebo - e **falo com conhecimento de causa...** (grifo nosso).

⁶Fonte: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/em-conversa-com-temer-dono-da-jbs-relata-obstrucao-a-justica-e-suborno-de-procuradores.ghtml>>.

⁷Fonte: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/veja-e-leia-a-integra-do-pronunciamento-de-temer-sobre-a-denuncia-da-pgr.ghtml>>.

Dessa forma, o presidente procura construir, com seu discurso, um *ethos* de competência fazendo questão de enfatizar que é da área jurídica, que é advogado, que tem competência reconhecida, pois advogou durante anos, e que, portanto, tem legitimidade para se pronunciar e se defender da denúncia com conhecimento de causa, com propriedade. Com isso, evidencia que conhece os mecanismos da área jurídica e que a denúncia não é significativa ou válida. Observemos, portanto, que o presidente faz uso dessas formas simbólicas para justificar e, mais ainda, persuadir e conseguir a aceitação do público da sua defesa, apresentando seu discurso como legítimo e legal.

A estratégia da **racionalização** “baseia-se em fundamentos racionais, na legalidade de regras *a priori*” (RESENDE; RAMALHO, 2016, p. 50). Analisemos o trecho a seguir:

Quero lembrar que o fruto dessa conversa é uma prova ilícita, inválida para a justiça. Basta até dizer aos senhores e às senhoras, **quem deitar os olhos sobre a Constituição, eu recomendo a leitura do artigo 5º, inciso LVI, onde está dito expressamente como direito fundamental que não se pode admitir provas ilícitas.** (grifo nosso).

O presidente faz um apelo à legalidade de normas, neste caso, à Constituição, para legitimar e fundamentar seus argumentos de que a prova é ilícita, portanto, inválida, apresentando-os como justos e legais, no intuito de desqualificar a denúncia.

Na estratégia de **universalização**, os interesses de alguns são apresentados como interesses gerais, de todos. Vejamos:

Portanto, o que há é um atentado contra, na verdade, contra o nosso País.

Percebam que o presidente tenta construir um discurso com um senso de coletividade à medida que apresenta a denúncia como um atentado não apenas contra ele, mas contra o país, atingindo e prejudicando toda a população. Nessa estratégia, há uma tentativa de construção de um sentimento coletivo, unificador. Nessa estratégia, o que está em questão, muitas vezes, são os interesses de um determinado grupo ou pessoa que detém ou que busca o poder se utilizando de estratégias/palavras de comoção e de apelo social.

Na **narrativização**, histórias, fatos, acontecimentos são (re)contados. Percebe-se que, no decorrer de todo o pronunciamento, o Presidente Michel Temer faz uso constante dessa estratégia, retomando e recontando os acontecimentos que deram causa à denúncia

desenvolvendo uma linha de raciocínio com base na recontextualização, como forma de legitimar, de credibilizar e de justificar suas ações.

Ao recontar o fato ensejador da denúncia, o presidente faz uso, também, da estratégia simbólica da **eufemização**, na qual “ações, instituições ou relações sociais são descritas ou reescritas de modo a despertar uma valoração positiva”. (THOMPSON, 2011, p. 84). Vejamos o seguinte trecho:

Eu sei, para enfrentar o tema, que criticam-me por ter recebido tarde da noite em minha casa o empresário Joesley. **Recebi, sim, naquela oportunidade o maior produtor de proteína animal do País, senão do mundo, do mundo.** (grifo nosso).

Nesse trecho do pronunciamento, o presidente confirma o encontro que teve com o empresário (delator), o qual descreve como “o maior produtor de proteína animal do País”, para despertar valorização ou sentimento positivo do encontro que teve com o empresário (delator), fora da agenda oficial e tarde da noite. Se, em outros momentos do pronunciamento, o presidente chama o empresário de “bandido confesso”, neste momento, ele o qualifica de forma positiva, para caracterizar esse encontro de forma também positiva, justificando e valorando o seu ato.

Nessa estratégia ideológica, que operacionaliza o modo da **dissimulação**, a ideologia é utilizada, como o próprio nome diz, para dissimular, ocultar relações de dominação, uma vez que suaviza os fatos dando-lhes um caráter positivo, como forma de amenizar seus efeitos.

A essas estratégias, podemos identificar outras associadas, que se reforçam. Identificamos a **hegemonia**, em que relações de poder e de dominância se consolidam, neste caso, com a de um gestor (presidente), no discurso, em que se luta pela sua permanência no poder – liderança do país.

Nesse contexto, é importante ressaltar o papel das mídias na consolidação desse poder hegemônico. É por elas que o discurso político contemporâneo circula e chega à população, um discurso estrategicamente manipulado, produzido para conseguir a adesão e a aceitação do público.

Identificamos também a ideologia como **unificação** quando do uso da estratégia da **simbolização da unidade**. Vejamos:

A minha disposição não diminuirá com **ataques irresponsáveis à instituição Presidência da República**, não quero ataques a ela, e muito menos ao homem Michel Temer.

O presidente tenta construir, no nível simbólico, um discurso com senso de coletividade à medida que apresenta a denúncia como ataque à instituição, Presidência da República. Nessa estratégia, há uma tentativa de construção de uma identidade coletiva. Percebe-se também a estratégia da universalização, pois o fato (a denúncia) é apresentado como servindo e atingindo interesses gerais.

Na ideologia como **dissimulação**, destacamos o uso do tropo (figuras de linguagem), como a metáfora. Vejamos:

E exatamente neste momento, em que nós estamos **colocando o país nos trilhos**, é que somos vítimas dessa infâmia de natureza política. (grifo nosso).

Garantiu ao seu novo patrão... uma delação que tira o seu patrão das **garras da Justiça**, que gera, meus senhores e minhas senhoras, uma impunidade nunca antes vista. (grifo nosso).

Segundo Thompson (2011, p. 85), “Expressões metafóricas levantam uma tensão dentro de uma sentença, através da combinação de termos extraídos de campos semânticos diferentes, tensão essa que, se bem-sucedida, gera um sentido novo e duradouro”. É com esse sentido que o presidente se utiliza das metáforas “garras da justiça” e “país nos trilhos”, para dissimular relações sociais de poder com representações, atribuindo a alguém ou a alguma coisa características que elas, literalmente, não possuem, acentuando características em detrimento de outras, e, assim, impondo um sentido como no primeiro caso, positivo e, no segundo, negativo. Para Thompson (2011), o uso figurativo da linguagem é uma maneira eficaz de mobilizar o sentido no mundo sócio-histórico. Em certos contextos, pode estar envolto com poder, podendo servir para criar, sustentar e reproduzir relações de dominação.

Identificamos também, e com muita abundância, nesse pronunciamento, o modo de operação **fragmentação**, operado, especialmente, com a estratégia de **expurgo do outro**.

O desespero de se safar da cadeia é que moveu o cidadão **Joesley e seus capangas**. (grifo nosso).

Interessante, que eu descobri o verdadeiro Joesley, **o bandido confesso**, junto com todos os brasileiros, quando ele revelou os crimes que cometeu ao Ministério Público, sem nenhuma punição. (grifo nosso).

Ao usar os termos “capangas”, “bandido”, o presidente atribui caráter negativo, pejorativo, depreciativo ao delator Joesley Batista, como forma de denegrir sua imagem e estigmatizá-lo.

Nessa estratégia, termos são utilizados para apresentar o “outro” como inimigo, que, portanto, deve ser punido, penalizado.

Ainda exemplificando e analisando esse modo de operação da fragmentação com a estratégia da **diferenciação**. Vejamos:

Mas **eu tenho responsabilidade**. Eu não farei ilações. Não farei ilações. Eu tenho a mais absoluta convicção de que não posso denunciar sem provas. Não posso fazer, portanto, ilações. **Não posso ser irresponsável**. (grifo nosso).

A ideologia como fragmentação pode ser identificada na segmentação, na segregação de grupos ou de indivíduos que podem representar um desafio, uma ameaça aos grupos dominantes, ou seja, à própria hegemonia. Assim, dirigem-se forças de oposição potencial (diferenciação) em direção a um alvo (outro) que é projetado como mau, perigoso, que deve ser combatido (expurgo do outro) (THOMPSON, 2011).

É com esse sentido que o presidente diz que ele tem responsabilidade, que não pode ser irresponsável, ou seja, que o ele (“nós”) é responsável e que os outros (“eles”) não são, pois ele não pode denunciar sem provas, e os outros o fazem, como neste caso. Ao dizer isso, ele usa da estratégia da **diferenciação**, que consiste em reforçar as diferenças, distinguindo grupos ou pessoas, “atrelando o que é positivo ao que diz respeito a ‘nós’ e o que é negativo a ‘eles’” (FERNANDES, 2014, p. 131-132). As diferenças entre grupos ou pessoas são utilizadas, como no exemplo acima, para estigmatizar os sujeitos envolvidos.

As estratégias utilizadas pelo presidente são uma forma de legitimar sua defesa e suas atitudes e de apresentar a si mesmo como inocente diante da denúncia por crime de corrupção. Os usos dessas formas simbólicas revelam construções discursivas revestidas de ideologia, uma ideologia que está a serviço do poder. Os sentidos mobilizados nesse pronunciamento serviram para sustentar relações de dominação nesse contexto sociopolítico e, assim, manter a hegemonia de um indivíduo (presidente) e, conseqüentemente, do seu grupo político (PMDB).

Considerações finais

Os resultados da análise apontam para a existência de modos de operação de ideologia como legitimação, unificação, fragmentação e dissimulação no pronunciamento do Presidente Michel Temer frente à denúncia da PGR por crime de corrupção, auxiliando no processo de convencimento/adesão das pessoas frente a essas justificativas, argumentos do presidente. Os usos dessas formas simbólicas revelam construções discursivas ideológicas, naturalizando discursos hegemônicos. Os sentidos mobilizados no pronunciamento serviram para sustentar relações de dominação nesse contexto sociopolítico e, assim, manter a hegemonia de um indivíduo (presidente) e, conseqüentemente, do seu grupo político (PMDB), garantindo, portanto, a sua permanência no poder, de forma, nesse caso, consensual.

Os modos de operação ideológicas que foram utilizados serviram, de maneira geral, para legitimar, para defender ações do presidente, apresentado-as como justas, dignas de apoio e de interesses de todos, bem como para dissimular relações de dominação suavizando fatos e ações, tanto passadas, como presentes, dando-lhes caráter positivo e/ou benéfico.

Este trabalho contribui para a percepção e a reflexão das práticas discursivas como espaço de (re)produção de ideologias, de relações de poder, de dominação e de formação de opinião dos sujeitos sociais.

Referências

- DIAS, J. de F. Analistas de discurso e sua prática teórica e metodológica. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 12, n. 2, 2011.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. MAGALHÃES, Izabel (coord. de tradução, revisão técnica e prefácio). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FERNANDES, A. C. *Análise de discurso crítica*. para leitura de textos da contemporaneidade. Curitiba: Intersaberes, 2014.
- GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. COUTINHO, C. N. (Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. 2. ed. COUTINHO, C. N. (Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2.
- RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. GUARESCHI, P. A. (Trad.). Petrópolis: Vozes, 2011.